

émile henry¹, o benjamim da anarquia

jean maitron*

Nota introdutória, por acácio augusto

O terrorismo anarquista é um importante acontecimento histórico-político, que ocorre entre a *Comuna de Paris* (1871) e a primeira *Guerra Mundial* (1914), largamente ignorado pela historiografia de direita e de esquerda. A lembrança da postura e da atitude política destes *homens de ação* (como gostavam de se autodenominar) ou destes *assassinos delicados* (utilizando um termo cunhado por Camus) faz-se necessária, ainda mais, em nossos dias quando vários acontecimentos internacionais passam a desencadear uma vasta bibliografia de época, produzida por intelectuais oportunistas e desavisados polemistas apressados, repleta de negligências históricas.

* Jean Maitron (1910-1987) foi um dos mais importantes historiadores do movimento operário francês. Professor do ensino médio e depois professor-assistente na Sorbonne (Paris I) escreveu e organizou diversas obras como *Histoire du mouvement anarchiste en France — 1880-1914* (Paris, Sudel, 1951), *Le mouvement anarchiste en France de 1914 à nos jours* (Paris, Gallimard, 1992) e *Ravachol et les anarchistes* (Paris, Collection Archives, 1964).

O texto que segue é uma seleta de um dos capítulos do livro de Jean Maitron, *Ravachol e os Anarquistas*, resultado de uma pesquisa realizada nos arquivos de polícia da prefeitura de Paris na década de 1950. Maitron reproduz uma série de documentos compostos de interrogatórios policiais e judiciais, artigos de jornais e prontuários, documentos que utilizou para escrever sua *História do Anarquismo na França (1880-1914)*. Maitron é, junto com o alemão Max Nettlau, um dos principais historiadores anarquistas.

O julgamento de Émile Henry, trecho que selecionamos do livro, é um acontecimento singular no interior do que foi conhecido como *terror anarquista*. Na ocasião do julgamento dos Trinta (1894), resultado de uma intensa repressão levada a cabo pelo governo francês para pôr fim aos atentados e ameaças que emergiram das resoluções da *Internacional Negra* (1881) — uma tentativa de reagrupar internacionalmente os libertários após a cisão com os autoritários no Congresso de Haia, em 1872 — Henry, um jovem espanhol promissor de classe média, deflagra dois atentados contra a burguesia de Paris e declara que, desde então, os anarquistas responderiam com violência à violência da burguesia organizada no Estado. Três fatores surpreendem o governo e burgueses franceses no caso de Henry: um é o fato deste não possuir as características físicas e sociais de um anarquista exemplar, outro é de seus atentados ocorrerem no exato momento em que se esperava liquidar a ação dos anarquistas com o julgamento dos Trinta, e, por fim, a reivindicação estritamente pessoal que Henry faz de suas ações.

A maneira que Émile Henry entende a anarquia dispensa apresentações. A leitura desta seleta que publicamos pela primeira vez no Brasil é suficiente. Im-

Émile Henry, o benjamim da anarquia

portante ressaltar que algo de muito intenso ocorreu na França nas décadas de 1880 e 1890: o *terror anarquista* acordou os socialistas acomodados em sindicatos e partidos e perturbou o sono da burguesia que esperava dormir tranqüila após ter prendido, matado e exilado os insurgentes da Comuna de Paris. Quando tudo parecia caminhar para normalidade, os anarquistas explodiram bombas para lembrar que são contra a representação, o tribunal, o Estado e a propriedade privada.

O anarquista é uma procedência moderna no terrorismo que reivindica para si, e na história, a capacidade de se defender contra o contrato fictício — que entrega cada um às mãos do Estado, ao seu monopólio legítimo do uso da força e à pletora de direitos.

* * * * *

Nos dias 27 e 28 de Abril de 1894, numerosos agentes policiais dispersaram-se pelos arredores do Palácio da Justiça, outros colocaram-se nas entradas, revisitando cuidadosamente cada pessoa que entrava.²

O caso sobre o qual o júri do Sena é hoje chamado a debruçar-se apresenta uma gravidade excepcional. Desta vez, o acusado não é um homem grosseiro cuja educação primária tenha sido menosprezada.

Émile Henry é um jovem de vinte e dois anos, de fisionomia fina e doce, de tom pálido. Os cabelos castanhos são cortados à escova. Uma ligeira barba loura cresce-lhe no queixo. Sentado no banco dos réus, de costas apoiadas no parapeito, sorri com indiferença. Está vestido de preto.³

[O interrogatório]

[...]

Terminada a leitura dos autos de acusação, o presidente procede ao interrogatório do acusado:

Pergunta. A 12 de Fevereiro, entrou no *Café Terminus*.

Resposta. Sim, às oito horas.

P. A sua bomba ia à cintura de suas calças?

R. Não, no bolso de meu sobretudo.

P. Por que foi ao *Café Terminus*?

R. Fui primeiro à *Casa Bignon*, ao *Café de la Paix* e ao *American*, mas não havia gente o suficiente; então, entrei no *Terminus* e esperei.

P. Havia uma orquestra. Quanto tempo esperou?

R. Uma hora.

P. Por que?

R. Para que aparecesse mais gente.

P. E em seguida?

R. Já o sabem.

P. Estou perguntando.

R. Usei o charuto!, acendi o rastilho e depois, pegando a bomba, saí e à porta, ao deixar o café, lancei a bomba.

P. Despreza a vida humana.

R. Não, a vida dos burgueses.

P. Fez tudo para salvar a sua.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

R. Sim; para recomeçar. Contava sair do café, fechar a cortina de entrada, comprar um bilhete na estação Saint-Lazare, fugir e recomeçar no dia seguinte.

P. Ao fugir encontrou-se mais adiante com um empregado do café, um homem de nome Etienne, que caçou-o, dizendo: “Agarrei-te canalha!” — Você respondeu: “Ainda não”. E o que é que fez?

R. Disparei sobre ele.

P. Ele caiu. O que é que você disse?

R. Que tivera sorte por o meu revólver não ser melhor.

P. Depois foi detido por um funcionário de cabeleireiro; que fez?

R. Desfechei-lhe um tiro de revólver.

P. Foi atingido e está mal. O agente Poisson o seguia.

R. Como nessa altura se juntava gente, parei; esperei o agente Poisson e disparei contra ele os últimos três tiros do meu revólver.

P. Então foi preso e os policiaos tiveram dificuldade em arrancá-lo da fúria da multidão.

R. Que não sabia o que eu tinha feito.

P. Tinha consigo balas que haviam sido fendidas. Por que?

R. Para causar mais estragos.

P. E um punhal embebido numa preparação.

R. Envenenara a lâmina para esfaquear um delator de anarquistas.

P. Estava decidido a atacar o agente com essa arma?

R. Certamente.

P. Achava-se sentado a uma mesa próxima da porta e lançou a bomba para a frente. Por que não atingiu mais pessoas com essa explosão, apesar de ter feito pontaria à orquestra?

R. Lancei a bomba demasiado alto; chocou-se com o lustre e desviou-se.

P. Então ouviu-se uma explosão surda e o café ficou completamente destruído: mesas, espelhos, madeiras são quebrados. Houve muitos feridos: vinte; um deles, o Sr. Borde, entretanto morreu. Ficara com uma perna crivada de feridas; um outro, o Sr. Van Herreweghen, sofreu quarenta ferimentos. Encontravam-se ali mulheres: a Sra. Kingsburg, ainda sobre grande padecimento, bem como outras que ireis escutar. E essas mulheres ficaram aterrorizadas ao ponto de esconder os seus ferimentos. Você declarou que quanto mais burgueses morressem, melhor seria.

R. É isso que penso.

P. Identificou-se primeiro como um tal Breton; pouco depois, desmascara-se, diz chamar-se Émile Henry e descreve a sua bomba. Como é que era feita?

R. Tratava-se de uma pequena marmita de ferro branco contendo um detonador e um rastilho.

P. Afirmou que tinha experimentado um insucesso relativo. O que é que isso significa?

R. Queria ter morto mais gente; mas a marmita não estava bem fechada.

P. Pôs projéteis dentro dela.

R. Coloquei cento e vinte balas.

P. Vaillant, que dizia querer ferir e não matar, tinha posto pregos e não balas.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

R. Eu pretendia matar e não ferir.

P. O seu domicílio não era conhecido.

R. Declarei que não tinha domicílio em Paris; afirmei vir de Marselha ou de Pequim.

P. Pouco depois, foi assaltado um quarto da casa Faucher; o comissário da polícia, avisado, encontra materiais explosivos e conclui ser aquela a sua residência.

R. Desconheço quem entrou no meu quarto.

P. Advertiram-no que fôra descoberto o seu domicílio e, então, replicou que deveriam ter encontrado em sua casa uma certa quantidade de materiais explosivos.

R. Dava para fazer entre doze e quinze bombas.

P. (Aos jurados): Conhecem o crime e o acusado, que acaba de vos confessar o seu crime com cinismo.

O acusado: Não é cinismo, é convicção.

P. Quis matar Etienne, o empregado do café?

R. Quis matar todos os que se opusessem à minha fuga.

P. Quis matar o agente Poisson?

R. Certamente; ele erguera o sabre e teria me matado.

P. Quis matar as pessoas do *Café Terminus*?

R. Certamente, quantas mais melhor.

P. Quis destruir o edifício?

R. Oh! Pouco me importa.

Sr. Presidente (aos jurados): Isto já bastaria para estabelecer a culpabilidade do acusado; mas, seja qual for o crime, a justiça, o que muito nos honra, nunca prescin-

de das regras habituais. Devemos examinar todos os detalhes e debruçarmo-nos ainda sobre um outro fato imputado ao acusado.

P. O seu pai morava em Brévannes, depois foi para a Espanha, tomou parte na Comuna de Paris, em seguida a sua mãe ficou viúva e com três crianças. Obteve uma bolsa na Escola J. B. Say⁴, e aos dezessete anos pôde ser admitido na Escola Politécnica. Não continuou.

R. Para não ser militar e não ser obrigado a disparar contra infelizes como em Fourmies.⁵

P. Arranjou emprego com um empreiteiro, Sr. Bordenave, seu parente. Quanto ganhava?

R. Em Veneza, ganhava 100F por mês.

P. Por que é que veio embora?

R. Por motivos que não vêm ao caso.

P. Ele quis obriga-lo — foi você quem o afirmou — a exercer uma vigilância discreta que lhe repugnou. O Sr. Bordenave, interrogado, protestou.

R. Reconheceu que tinha havido um mal entendido.

P. Depois arranhou emprego.

R. Passei três meses de miséria, antes disso!

P. Em todo caso, logo arranhou uma ocupação.

R. Ocupação bem medíocre: 100 a 120F por mês.

P. Nesse momento você era influenciado por um dos seus irmãos. Pouco depois, foi preso, após um comício de homenagem a Ravachol⁶; e o seu patrão encontra na sua escrivania obras anarquistas, nomeadamente uma tradução de um jornal italiano, indicando os métodos de fabricar nitroglicerina, e nos quais se lê: “Viva o roubo, Viva a dinamite!”. Estão aí as regras que pôs em

Émile Henry, o benjamim da anarquia

prática no atentado da Rue des Bons-Enfants. Então o seu patrão despediu-o.

R. Fui despedido quando encontraram esses papéis.

P. Procurou trabalho num relojoeiro. Depois, esteve empregado no *En dehors*, dirigido por Matha, condenado em 1892, ano em que você entrou para esse jornal, por incitação à insubordinação militar — recusou também ser militar.

R. Estive três anos num batalhão escolar⁷ e é tudo o que poderia fazer como tropa.

P. Furtou-se ao serviço militar e a sua mãe não concordou.

R. Temia que eu fosse expatriado.

P. Entrou para casa do Sr. Dupuis recomendado por Ortiz, um ladrão.⁸

R. Não estou ao par do que tem feito Ortiz desde que o conheci.

P. O Sr. Dupuis aumentou o seu salário.

R. Sentia uma grande estima por ele.

P. Quererá repetir diante do júri as confissões que fez durante a instrução?

Prefiro que você fale.

R. Com certeza. Os motivos do meu ato direi amanhã. A Sociedade de Carmaux é representada em Paris pela sua administração; depois da greve, comprei uma marmita; tinha dinamite, uma espoleta e rastilho de mineiro; preferi o sistema da bomba de inversão.

O interrogatório prosseguiu. O acusado recusa-se a dizer o que fez durante o ano de 1893, que separa os dois

atentados. Durante uma discussão mais acalorada, o juiz-presidente gritou:

P. Dane-se com o seu silêncio!

R. É-me indiferente. Não preciso me acautelar com o meu silêncio; sei bem que serei condenado à morte.

P. Escute: acho que há uma confissão que dói ao seu orgulho. Vaillant confessou ter aceito 100F de um ladrão; você não quer reconhecer que estendeu essa mão para receber dinheiro do roubo, essa mão que vemos hoje coberta de sangue.

R. As minhas mãos estão cobertas de sangue, tal como a sua toga! De resto, não tenho que lhe responder.

P. Você é acusado e o meu dever é interrogá-lo.

R. Não reconheço a tua justiça, estou contente com o que fiz!...

P. Você não reconhece a justiça. Infelizmente para você está nas malhas dela e os jurados saberão apreciar.

R. Eu sei!

O Sr. Presidente: Sente-se.

A audiência, suspensa às duas horas e meia, recomeçou às três horas e quinze.

[...]

Mais algumas testemunhas de acusação e passa-se aos depoimentos favoráveis.

Brémant, mestre-escola em Fontenay-sous-Bois: Émile Henry foi meu aluno; era um modelo. Possuía uma maturidade de espírito extraordinária, uma grande doçura. Deixou-nos aos doze anos e manteve excelentes relações com ele. Chegou a mandar-me uma vez uns versos.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

Le Fermous: Fui condiscípulo de Émile Henry na Escola J. B. Say. Era um colega excelente, um amigo muito indulgente; tinha por ele um grande afeto.

Philippe, professor particular na Escola Politécnica: Fui professor de Henry na Escola J. B. Say; era uma criança perfeita, a mais honesta que é possível encontrar; antes de se apresentar na Escola Politécnica, perguntou-me o que deveria fazer; respondi-lhe que o achava perfeitamente capaz para ser admitido.

P. Teria podido, pelos seus conhecimentos, construir uma existência honrada e lucrativa como empregado de um construtor que se interessasse por ele?

R. Poderia ter feito carreira muito boa, sob a orientação de seu parente. Conhecia mal a vida, menos do que os rapazes da sua idade.

Brajus, 65 anos: Conheci muito bem o pai, a mãe e os filhos da família Henry. Sempre se portaram bem e a minha casa esteve-lhes sempre aberta. Fui acompanhando Émile. Em 1893, veio ver-me duas ou três vezes.

Sr. Hornbostel [advogado de defesa]: A testemunha deu dinheiro a Henry?

R. A mãe dele pediu-me algumas vezes que lhe emprestasse dinheiro e ele me pagou.

Gauthey (Jules-François), operário metalúrgico: Conheci Henry em 1891, visitava-me.

P. Viu-o em 1893?

R. Vi-o uma vez; mas procurou-me várias vezes na minha ausência, vestido de operário.

P. Tinha as mãos sujas?

R. A minha mulher viu-o e disse-me que ele era seralheiro. Em 1891, estimava Henry. Ele gostava muito das crianças.

Goupil, médico.

O *Sr. Presidente* (dirigindo-se à testemunha para o convidar a prestar juramento): Levante a mão direita.

O Dr. Goupil coloca a mão direita atrás das costas.

P. Levante a mão direita.

R. Recuso-me a prestar juramento por respeito pela vossa religião, que não tenho a felicidade de praticar nem de conhecer.

Não tendo a citação à testemunha sido entregue ao Ministério Público, o delegado opõe-se a que o Sr. Dr. Goupil preste juramento, a fim de permitir que possa ser ouvido sem caráter oficial.

O Doutor Goupil: Conheci o Henry pai. Cheguei a tê-lo como secretário. Tratei-o no fim da vida. O Émile gozou uma juventude excelente; é um jovem muito nervoso; já afirmei diante de alguns dos senhores jurados, refiro-me aos que se dignaram receber-me.

O acusado: Não sou louco.

O Doutor Goupil: Reuni apontamentos que entreguei à defesa e que indicam qual o estado mental do acusado.

O acusado: Agradeço-lhe, mas tenho consciência do que fiz; não sou louco. Os resultados obtidos no colégio foram posteriores à minha febre tifóide. O meu pai morreu em conseqüência de um envenenamento por vapores mercuriais. Agradeço-lhe mais uma vez, mas não sou um louco; sou responsável pelos meus atos.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

Ogier d'Ivry (conde): Sou parente por afinidade de Émile Henry. Conheci-o jovem, excelente aluno, sonhador, desequilibrado. Tinha por padroeiro São Luís; depois seguiu as inclinações do pai. Há nestes homens um extraordinário sentimento de revolta; descendem dos antigos *Camisards*⁹, o pai participou na Comuna. São mais anarquistas do que a Anarquia ou mais realistas que o rei sob a monarquia. Sempre na oposição e em revolta. Convenci-o a entrar para a Escola Politécnica.

O *Sr. Presidente*: Senhores jurados, antes de mandar entrar a última testemunha, insisto em perguntar ao acusado e ao seu defensor se renunciam a ouvi-la.

Sr. Hornbostel: De maneira nenhuma.

Sr. Presidente: Então quero explicar em que circunstâncias esta testemunha foi citada. Recebi de Émile Henry a carta seguinte:

“Senhor Presidente,

Tendo a minha mãe manifestado o desejo de assistir ao meu julgamento, tentei em vão dissuadi-la.

Temendo justificadamente que as emoções de dois dias de audiências lhe sejam demasiado dolorosos, tenho a honra de vos solicitar senhor presidente, que lhe negue qualquer autorização que ela vos possa pedir para assistir as mesmas.

Queira aceitar, senhor presidente, as minhas sinceras saudações.

Émile Henry

25 de Abril de 94. Prisão do Palácio de Justiça.”

Esta carta foi-me entregue pela defesa. Já aparecera, aliás, nos jornais antes de meu conhecimento. O advogado pediu-me autorização para fazer entrar a mãe do acusado na sala de audiência. Recusei energicamen-

te, declarando que não queria deixar vir aqui uma mãe para ouvir o acusador público requerer a pena capital contra o filho. Acrescentei que só havia um meio de a fazer entrar, que era citando-a como testemunha. Se esta testemunha for chamada, a lei obriga-me a ouvi-la.

O acusado: Desconhecia que a minha mãe tivesse sido citada... Não quero ver aqui a sua dor.

P. É precisamente o que pretendia evitar-lhe. Renuncia à audiência da testemunha?

O acusado: Renuncio em absoluto.¹⁰

Sr. Hornbostel: Renuncio igualmente.

Esgotado o rol de testemunhas o acusador público pronunciou o seu requisitório. O que mais lhe importa é saber “como este jovem burguês se tornou um anarquista”.

Estamos aqui na presença, não de Ravachol, Léauthier¹¹ e outros, mas na de um burguês. O seu pai possuía bens, coisa singular para um anarquista; foi empreiteiro de profissão, depois engenheiro, e a infelicidade atingiu-o juntamente com a doença. Como foi educado o acusado? Condoemo-nos muito com certos anarquistas, com uma jovem¹², esquecendo os órfãos que os atentados teriam podido causar. Apiedamo-nos também com a má sorte de Émile Henry; conseguiu uma bolsa, terminou os estudos secundários e chegou à admissão na Escola Politécnica, era um burguezinho. Emprega-se na casa do Sr. Bordenave que aos dezesseis anos e meio lhe oferece um lugar e quer propiciar-lhe um futuro. Começa com 75F por mês; isto não foi suficiente para o seu orgulho, não chegava, porque queria principiar por onde os outros acabam.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

É orgulhoso e cruel. Após o caso do *Terminus*, declara chamar-se Breton, vindo de Marselha ou Pequim, como quiserem. Vejam como é um frio ironista. Acrescenta lamentar não ter morto mais gente e não ter podido usar seu punhal: “Matei muito pouca gente! Outros virão depois de mim, que farão melhor”. É isto que diz. Assistiram, ontem, a sua atitude em presença das vítimas. Quando depunha o Sr. Herrenweghen, ostentava ele a sua indiferença face a esta vítima ainda débil que chorava a morte do seu amigo [...].

Quero falar-vos das vítimas: Sinto-me cheio de pena da Sra. Henry cujo luto não começará com o vosso veredicto; o seu luto começou no dia do crime. A Sra. Henry é sua primeira e mais dolorosa vítima.

Morreram cinco vítimas na Rue de Bons-Enfants; a sexta faleceu, há pouco tempo, depois de sofrimentos horríveis. Os feridos: Sr. Van Herrenweghen, ainda combatido; Sr. Maurice, empregado de cabeleireiro; essas senhoras enlouquecidas, escondendo seu terror, e tantas outras. Henry ri destas vítimas! Garin, o funcionário da Sociedade de Carmaux, deixa viúva grávida e duas crianças, vivendo de uma pensão. Réuax tinha vinte e oitos anos; deixa viúva e um bebê. Formarin deixa viúva e um jovem rapaz. Touteau deixa viúva e três crianças. Pousset deixa viúva e dois filhos.

Eis o resultado da anarquia: Pousset era filho de um oficial; educado na Flèche, fôra para Saint-Cyr, tornara-se oficial; amava uma mulher pobre, casou com ela e teve que interromper sua carreira; fez um pouco de tudo; estudou direito, licenciou-se, foi secretário de comissário da polícia e em breve seria comissário. A bomba estúpida da Rue des Bons Enfants acabou com tudo isso. Foi o que fez. É esta a solução da questão social segundo os anarquistas.

Os crimes de Henry são crimes atrozes; a opinião pública sente por eles apenas ódio e desejo de vingança. Escapou de ser esquartejado por populares. A justiça é mais fria, mais calma; o que a multidão teria feito sob o domínio da cólera, fizeti-o vós com o sangue frio necessário à justiça. Concordai que só a pena capital pode igualar-se a seus crimes [...].

[Palavras de Émile Henry]

Suspensa a audiência às cinco horas e quarenta e cinco minutos, recomeçou às cinco e dez.

Émile Henry pediu então a palavra, o que lhe foi concedido. Levanta-se e virando-se para os jurados, fala:

Não é uma defesa que vos quero apresentar. Não tento de forma alguma furtar-me às represálias da sociedade que ataquei.

De resto, só aceito um único tribunal — eu próprio; e o veredicto de qualquer outro me é indiferente.

A explicação de meus atos.

Quero simplesmente explicar os meus atos e lhes dizer como fui levado a executá-los.

Sou anarquista há pouco tempo. Apenas me lancei no movimento revolucionário em meados de 1891. Até aí vivera em meios totalmente imbuídos da moral vigente. Tinha sido habituado a respeitar, e até a amar, os princípios da pátria, família, autoridade e propriedade.

Mas os educadores da geração atual esquecem com demasiada freqüência uma coisa: que a vida, com suas lutas e os seus dissabores, as suas injustiças e iniquidades, encarrega-se, indiscreta, de abrir os olhos dos ignorantes à realidade. Foi o que me aconteceu, como acontece a todos. Tinham me dito que esta vida era fácil, larga-

Émile Henry, o benjamim da anarquia

mente aberta aos inteligentes e vigorosos, mas a experiência mostrou-me que só os cínicos e os bajuladores conseguem obter um lugar ao sol.

Haviam me dito que as instituições sociais se baseavam na justiça e na igualdade, mas não vi à minha volta senão mentiras e velhacarias.

Cada dia me tirava uma ilusão.

Onde quer que fosse, testemunhava em alguns as mesmas dores, noutros os mesmos prazeres.

Não demorei para compreender que as palavras pomposas que me tinham ensinado a venerar — honra, abnegação, dever — não eram mais do que uma máscara escondendo as mais torpes infâmias.

O industrial, que construía uma fortuna colossal à custa do trabalho dos seus operários, a quem tudo faltava, era uma pessoa honesta.

O deputado, o ministro de mãos sempre abertas ao suborno, servia ao bem público.

O oficial que, experimentava o último modelo de espingarda contra crianças de sete anos, cumpriria bem o seu dever e era, em pleno Parlamento, felicitado pelo presidente do conselho de ministros! Tudo o que vi me revoltou e o meu espírito entregou-se à crítica da organização social. Essa crítica foi feita demasiadas vezes para que eu a repita.

Atraído pelo socialismo

Atraído momentaneamente pelo socialismo, afastei-me depressa desse partido. Tinha demasiado amor à liberdade, demasiado respeito pela iniciativa individual, demasiada repugnância pela arregimentação, para aceitar ser um número a mais no exército do Quarto Estado.

Percebi, por um lado, que no fundo o socialismo não altera em nada a ordem atual. Mantém o princípio da autoridade, e este princípio, digam o que disserem os pretensos livres pensadores, não passa de um velho resquício da fé numa potência superior.

Estudos científicos me iniciaram, gradualmente, no funcionamento das forças naturais.

Ora, eu era materialista e ateu; compreendera que a hipótese de Deus era repudiada pela ciência moderna, que dela já não necessitava. A moral religiosa e autoritária, baseada na falsidade, deveria portanto desaparecer. Qual era então a nova moral, em harmonia com as leis da natureza, que deveria regenerar o velho mundo e dar à luz uma humanidade feliz?

Toda esta introdução foi recitada pelo acusado com uma voz segura, apenas de início atravessada por uma ligeira emoção.

Nesta altura, a memória falhou-lhe; o Sr. Hornbostel, seu advogado, passa-lhe então um caderno que seguirá com os olhos até ao final da intervenção. E recomeça:

É por essa altura que me relacionei com alguns companheiros anarquistas, que ainda hoje considero como dos melhores que conheci. O caráter desses homens seduziu-me imediatamente. Apreciava-lhes a grande sinceridade, a absoluta franqueza, um desprezo profundo por todos os preconceitos, e quis conhecer o pensamento que tornava tais homens tão diferentes de todos os que conhecera até ali.

Esse pensamento encontrou no meu espírito um terreno preparado para o receber, devido a observações e reflexões pessoais.

Apenas tornou mais preciso o que havia em mim de vago e confuso.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

Fiz-me também anarquista.

Não vou desenvolver aqui a teoria da anarquia. Quero apenas reter o seu lado revolucionário, a sua marca destruidora e negativa pela qual compareço diante de vós.

Nesta época de luta aguda entre a burguesia e os seus inimigos, sinto-me quase tentado a dizer, como Souvarine no *Germinal*: “Todos os raciocínios sobre o futuro são criminosos porque se opõem à destruição pura e simples e entram a marcha da revolução”.

Trouxe comigo para a luta um ódio profundo, dia a dia mais intenso devido ao espetáculo revoltante dessa sociedade em que tudo é reles, ambíguo, feio, em que tudo é um entrave à expansão das paixões humanas, às tendências generosas do coração, ao livre desenvolvimento do pensamento.

Bater com força e precisão

Quis vibrar um golpe com a maior força e precisão possíveis. Passaremos então ao primeiro atentado que cometi, a explosão da Rue des Bons-Enfants.

Tinha acompanhado atentamente os acontecimentos de Carmaux.

As primeiras notícias da greve encheram-me de alegria; os mineiros pareciam enfim dispostos a renunciar às greves pacíficas e inúteis, em que o trabalhador confiante espera com paciência que a sua meia dúzia de francos vença os milhões das companhias.

Pareciam ter entrado numa via de violência que se afirmou resolutamente no dia 15 de Agosto de 1892.

Os escritórios e edifícios da mina foram invadidos por uma multidão farta de sofrer sem se vingar. O engenhei-

ro tão odiado pelos seus operários ia ser executado, quando alguns timoratos se interpuseram.

Os timoratos

Quem eram esses homens?

Os mesmos que fazem abortar todos os movimentos revolucionários, por recearem que o povo, uma vez lançado na ação, deixe de obedecer à sua voz; aqueles que levam milhares de homens a sofrer privações durante meses inteiros, para fazer propaganda à custa dos seus sofrimentos e ganharem a popularidade necessária à obtenção de um mandato — refiro-me aos chefes socialistas. Esses homens, com efeito, tomaram a direção do movimento grevista.

E viu-se, subitamente, cair sobre a região um enxame de senhores bem-falantes que se colocaram à inteira disposição da luta, organizaram subscrições, proferiram conferências, enviaram pedidos de fundos para todo o lado. Os mineiros depuseram nas suas mãos toda a iniciativa. O que aconteceu, sabemos bem.

A greve eternizou-se, os mineiros travaram conhecimento mais íntimo com a fome, sua companheira habitual; esgotaram os magros fundos de reserva do seu sindicato e dos que vieram em seu auxílio e, ao fim de dois meses, de orelha murcha, voltaram à fossa, mais miseráveis do que antes. Desde o princípio teria sido muito simples atacar a companhia no seu único ponto fraco: o dinheiro; incendiar o estoque de carvão, destruir as máquinas de extração, destruir os aparelhos de bomba hidráulica.

Claro que a Sociedade teria capitulado bem depressa. Porém, os grandes pontífices do socialismo não admitem esses processos, que são anarquistas. Neste jogo arrisca-se a prisão e, quem sabe?, talvez uma dessas balas que

Émile Henry, o benjamim da anarquia

fizeram maravilhas em Fourmies. Nem se ganha nenhum lugar municipal ou legislativo. Resumindo, a ordem, perturbada por instantes, volta a reinar em Carmaux.

Mais poderosa do que nunca, a Sociedade continuou a sua exploração e os senhores acionistas felicitaram-se pelo feliz desenlace da greve. Convenhamos que ainda havia bons dividendos a partilhar.

A voz da dinamite

Decidi então introduzir, nesse concerto de alegres chilreios, uma voz que os burgueses já tinham ouvido, mas que julgavam morta com Ravachol: a voz da dinamite.

Quis mostrar à burguesia que, daí em diante, acabariam para ela as alegrias completas, que seus insolentes triunfos seriam perturbados, que o seu bezerro de ouro haveria de tremer violentamente no pedestal, até ao safanão definitivo que o derrubaria na lama e no sangue.

Ao mesmo tempo, quis fazer entender aos mineiros que há só uma categoria de homens — os anarquistas — que sentem sinceramente os seus sofrimentos e estão prontos a vingá-los.

Esses homens não se sentam no Parlamento, como os senhores Guesde e quejandos, mas caminham para guilhotina.

Preparei pois uma marmita. Por um instante, veio-me à memória a acusação de Ravachol: e as vítimas inocentes?

Mas resolvi rapidamente o problema. A casa onde se encontram os escritórios da Sociedade de Carmaux só era habitada por burgueses. Não haveria, portanto, vítimas inocentes.

A burguesia no seu conjunto vive da exploração dos infelizes; deve em conjunto expiar os seus crimes.

Foi com a certeza absoluta da legitimidade do meu ato que coloquei a minha marmita na porta dos escritórios da Sociedade.

Expliquei, durante os debates, como esperava que, no caso do meu engenho ser descoberto antes da explosão, viesse a rebentar no posto policial, atingindo, ali, os meus inimigos. Eis os motivos que me levaram a cometer o primeiro atentado que me censuram.

A caça aos anarquistas

Passemos ao segundo, o do *Café Terminus*. Vim a Paris na época do caso Vaillant. Assisti à repressão formidável que se seguiu ao atentado do Palais-Bourbon¹³. Testemunhei as medidas draconianas tomadas pelo governo contra os anarquistas.

Espiava-se por todo lado, faziam-se buscas, prendiam-se pessoas. Ao acaso, uma multidão de indivíduos era arrancada da família e lançada na prisão. O que sucedia às mulheres e aos filhos destes camaradas durante o seu encarceramento? Ninguém se preocupava com isso.

O anarquista já não era um homem, mas um animal feroz cercado por todos os lados, para quem a imprensa burguesa, escrava infame do poder, pedia o extermínio por todos os meios.

Ao mesmo tempo, os jornais e panfletos libertários eram confiscados, o direito de reunião proibido.

Mais do que isso: quando queriam se livrar definitivamente de um companheiro, um bufão colava no seu quarto um embrulho que dizia conter tanino e, no

Émile Henry, o benjamim da anarquia

dia seguinte, era feito uma busca com um mandato datado da antevéspera. Encontravam uma caixa cheia de pós suspeitos, o camarada ia a julgamento e apanhava três anos de prisão.

Perguntem se isso não é verdade ao miserável denunciante que se infiltrou na casa do companheiro Mériegeaud.

Mas todos esses processos foram considerados bons. Atingiam um inimigo do qual se tinha medo e os que tinham tremido queriam passar por corajosos.

Coroando esta cruzada contra hereges, ouvimos o Sr. Raynal, ministro do Interior, declarar na Assembléia que as medidas tomadas pelo governo tinham obtido um bom resultado, que tinham semeado o terror no campo anarquista. Não era ainda suficiente. Condenaram à morte um homem que não matara ninguém, e para parecerem corajosos até o fim, um belo dia, guilhotinaram-no.

Mas, senhores burgueses, não havíeis contado com este vosso convidado.

Vocês encarceraram centenas de indivíduos e violentaram um sem-números de domicílios; mas ainda havia fora das vossas prisões homens que vocês ignoravam e que na sombra assistiam à vossa caça aos anarquistas, esperando apenas o momento para, por sua vez, caçarem os caçadores.

As palavras do Sr. Raynal constituía um desafio lançado aos anarquistas. O repto foi aceito. A bomba do *Café Terminus* foi a resposta a todas as vossas violações da liberdade, às vossas prisões, às vossas buscas, às vossas leis de imprensa, às vossas expulsões em massa de estrangeiros, às vossas decapitações. Mas, dirão, porquê ir atacar clientes tranqüilos que ouviam música e que talvez não sejam nem magistrados, nem deputados, nem funcionários?

Porque é que atirei a esmo

Por que? É bem simples — a burguesia fez dos anarquistas um bloco. Um só homem, Vaillant, lançou uma bomba; nove décimos dos companheiros nem sequer o conheciam. Que importa? Perseguiu-se em massa. Quem quer que tivesse qualquer relação anarquista foi perseguido.

Muito bem. Uma vez que vocês responsabilizaram um movimento pelos atos de um indivíduo e o atacam em bloco, nós também atacamos em bloco.

Devemos apenas atacar os deputados que fazem as leis contra nós, os magistrados que as aplicam, os polícias que nos prendem?

Não penso assim.

Todos esses homens são meros instrumentos que não agem em seu próprio nome. As suas funções foram instituídas pela burguesia para a sua defesa. Não são mais culpados do que os outros.

Os bons burgueses que embora não tendo qualquer função recebem, no entanto, os seus dividendos, que vivem na ociosidade com os lucros produzidos pelo trabalho dos operários, devem também sofrer a sua parte de represálias.

E não só eles, mas todos os que se sentem satisfeitos com a ordem atual, que aplaudem os atos do governo e que se tornam seus cúmplices, esses assalariados por 300 ou 500F por mês que odeiam o povo mais ainda que os grandes burgueses, essa massa estúpida pretensiosa que se coloca sempre ao lado do mais forte, clientela habitual do *Terminus* e doutros grandes cafês.

E por isso atirei a esmo sem escolher as minhas vítimas.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

Que a burguesia compreenda

É necessário que a burguesia compreenda bem que aqueles que têm sofrido estão finalmente fartos dos seus sofrimentos, mostram os dentes e atacam tanto mais brutalmente quanto mais tiverem sido brutais para eles.

Eles não têm nenhum respeito pela vida humana, porque os próprios burgueses também não se preocupam com ela.

Não cabe aos assassinos da semana sangrenta e de Fourmies chamar assassinos aos outros.

Não poupam nem mulheres nem crianças burguesas porque as mulheres e as crianças que amam também não são poupadas. Não serão vítimas inocentes essas crianças que, nos subúrbios, morrem lentamente de anemia porque o pão escasseia em casa? Essas mulheres que definham nas vossas oficinas e se esgotam para ganhar quarenta centavos por dia, e muito felizes quando a miséria não as arrasta para prostituição? Esses velhos que vocês transformaram em máquinas de produção durante toda a sua vida e que atiram para a valeta ou para o hospital logo que as suas forças se exaurem?

Tenham ao menos a coragem dos vossos crimes, senhores burgueses, e admitam que as nossas represálias são totalmente legítimas.

Porém não me iludo, é claro. Sei que os meus atos não serão ainda perfeitamente entendidos pelas multidões insuficientemente preparadas. Mesmo entre os operários, por quem lutei, há muitos que, enganados pelos vossos jornais, julgam-me seu inimigo. Mas isso pouco me importa. Não me preocupa o juízo de ninguém. Não ignoro também a existência de indivíduos que se dizem anarquistas e se apressam a condenar qualquer solidariedade com os propagandistas pela ação.¹⁴

Tais indivíduos tentam estabelecer uma sutil distinção entre teóricos e terroristas. Demasiado covardes para arriscarem a sua vida, renegam aqueles que atuam. Mas a influência que dizem ter sobre o movimento revolucionário é nula. Hoje a hora é de ação, sem fraquezas nem recuos.

Alexandre Herzen, o revolucionário russo, afirmou: “Das duas uma, ou fazer justiça e seguir em frente, ou perdoar e vacilar a meio do caminho”.

Não queremos perdoar nem vacilar e seguiremos sempre em frente até que a revolução, objetivo de nossos esforços, venha finalmente coroar a nossa obra, tornando o mundo livre.

Não imploramos a mínima piedade nesta guerra impiedosa que declaramos à burguesia.

Sabemos matar, saberemos morrer.

É pois com indiferença que aguardo seu veredicto.

Estou ciente que a minha cabeça não será a última que vocês cortarão; outras ainda hão de rolar, pois os mortos-de-fome começam a descobrir o caminho dos vossos grandes cafês e restaurantes, como o *Terminus* e o *Foyot*.

Vocês acrescentarão novos nomes à lista sangrenta dos nossos mortos.

Vocês enforcaram em Chicago, decapitaram na Alemanha, garrotaram em Jerez, fuzilaram em Barcelona, guilhotinaram em Montbrison e em Paris, mas o que nunca conseguirão destruir é a anarquia.

As suas raízes são demasiado profundas. Nasceu no seio de uma sociedade podre e em desagregação, é uma reação violenta contra a ordem estabelecida. Representa as aspirações igualitárias e libertárias que vêm atacar a

Émile Henry, o benjamim da anarquia

autoridade atual; está em todo lado, o que a torna inatingível; acabará por vos liquidar.¹⁵ [...]

Menos de um mês depois, a 21 de maio, Émile Henry, condenado à morte, era executado.

Em La Justice dois dias depois, Georges Clemenceu, sob o título “A guilhotina”, fazia a descrição do suplício:

Alguém me disse: “É preciso que assista para poder contar aos que concordam”. Hesitei, em busca de um pretexto. Mas depois, bruscamente, decido-me. Vamos lá.

Atravessamos Paris das madrugadas, com seus grupos de mulheres deslavadas sob os lampiões de gás, e os seus notívagos em busca de uma aventura. Enervado, procuro nas coisas um indicio estranho. Nada. Um céu de ardósia, encarneirado pelas nuvens, de uma transparência pálida. Um vento seco e cortante que nos gela.

Eis-no na Place du Château-d’Eau, face à grande República em barrete frígido, mostrando o seu ramo de oliveira que, diz ela, faz a paz entre os homens. E o cutelo? No seu íntimo, grita-lhe: “Mentirosa!” Agora é Ledru-Rollin¹⁶, teatralmente colocado face à câmara do Fauboug. Mostra, num gesto enfático, a urna do sufrágio popular, dizendo: “Aqui está a salvação. — Sem dúvida, amigo, mas é longa a espera para uma vida curta. Tu próprio sofreste, durante vinte anos, a cruel experiência.”

Todas as ruas que dão para a Place de la Roquette foram fechadas. A praça encontra-se ocupada por militares. Lá estão mil homens. São muitos para matar um só. Baragens mantêm o público no limite da Rue de la Roquette. Impossível ver alguma coisa do espetáculo iminente. O Sr. Joseph Reinach¹⁷ diverte-se à nossa custa. A praça não passa de um grande pátio prisional.

Diante da porta da Roquette surgem novas barreiras para as pessoas com cartão de entrada. Amontoam-se ali, bem à vontade, uns sessenta jornalistas, entre os quais uma mulher, uma senhora de idade, de cabelos grisalhos, que atrai a curiosidade geral, sem mostrar qualquer incômodo. Fala alegremente com os mais próximos e com os guardas que lhe dizem gracejos. Agentes de polícia passeiam, com cigarro ou cachimbo na boca. Todos fumam. Fala-se a meia voz. A atitude é, sobretudo, de recolhimento. [...]

Três homens de casaca e com cartola dirigem três operários em roupas de trabalho: camisolão curto, calças de pano azul. Os três “burgueses” são o carrasco e os dois ajudantes. Um dos ajudantes, dizem-me, é genro do carrasco, o outro, filho. Jantaram em família e saíram corajosamente *para o trabalho*, olhando cheios de ternura as crianças adormecidas, beijando, uma a mãe, o outro a mulher ou a filha, que lhes fazem recomendações afetuosas por temer o frio da noite.

Mal vi o Sr. Deibler, um velhote que arrasta uma perna. Seria impressão? Pareceu-me desajeitado, incerto e sonso. Um dos seus ajudantes, um rapaz louro, gordo, saudável e rosado, contrastava com ele. Todos trabalhavam sem ruído, com a boa consciência e a decência das pessoas que sabem viver.

Pouco a pouco, as traves que se vêm por terra vão ganhando significado. Duas travessas encaixadas em cruz repousam sobre as lajes do chão. Estão devidamente calçadas e o Sr. Deibler, com o seu nível de água, acaba de assegurar-se que a sua máquina dispõe de uma base perfeitamente horizontal. Notam-se que não se usa sequer um prego. Só parafusos. Nem uma martelada. Que progresso! As calhas são erguidas, encimadas por uma trave que suporta uma polia. Fazem subir a lâmina que percorre a calha; montam a báscula e experimentam-na. É o

Émile Henry, o benjamim da anarquia

próprio Sr. Deibler que coloca a banquetta para a cabeça que envolve com uma espécie de biombo de madeira que impedirá os salpicos de sangue. O cesto destinado ao corpo encontra-se aberto, ao lado da báscula, perto da carreta que seguir para Ivry.

Agora é dia, ou quase. Acabam de apagar os bicos de gás. Olho a prisão e, estupefato, leio por cima da porta: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade". Como puderam esquecer-se de acrescentar: "ou a morte"? [...]

Um movimento! Um jovem num sobretudo claro sai da prisão, de charuto nos lábios, e rindo na frente de todos vem até junto da guilhotina contar uma anedota a um amigo que lhe acha imensa graça. Disseram-me qual era sua função. Não a divulgo. Há dois guardas lvidos; dois novatos, sem dvida. O jovem soldado de sentinela agita-se constantemente: balança-se, faz gestos bruscos, ri nervosamente, gira os olhos no vazio. Pensei que se iria sentir mal.

A pequena porta se fechou num gemido agudo. Ouve-se o barulho das trancas de ferro a cair. A porta grande se abre e, atrás do capelão que toca uma sineta, surge Émile Henry, trazido, empurrado pelo grupo do carrasco. Lembra qualquer coisa como uma visão de Cristo de Munkacsy, com seu ar louco, a cara extremamente pálida, semeada de pelos ruivos, escassos e revoltos. Apesar de tudo, ostenta ainda uma expressão implacável. A sua cara pálida me cega. Não consigo olhar para outra coisa. O homem acorrentado avança a passo rápido, apesar dos entraves. Lança um olhar circundante e, com esgar horrível, numa voz rouca mas forte, grita aconselhável estas palavras: "Coragem camaradas. Viva a Anarquia!"

Notas

¹ Émile Henry, nascido em 1872, um ano depois da Comuna de Paris, em que seu pai lutou. Foi um terrorista diferente dos demais, com formação intelectual sedimentada, morto na guilhotina, em 1894. Jean Maitron. *Ravachol e os anarquistas*. Tradução de Eduardo Maia, Lisboa, Antígona, 1981, pp. 63-96. Adaptado por Acácio Augusto e Edson Passetti, dividindo o texto em duas partes: “O interrogatório” e “Palavras de Émile Henry”.

² Cf. “Gazzete des Tribunuax”, 27 e 28 de Abril de 1894.

³ Idem.

⁴ Foi um aluno brilhante: 2º prêmio de Excelência em 1885, 1º prêmio em 1886, 2º prêmio em 1887, 5ª distinção em 1888 (ano preparatório na Escola Politécnica).

⁵ Alusão aos tiros do 1º de Maio de 1891. O exército disparou sobre manifestantes: dez pessoas foram mortas, entre elas duas crianças de 11 e 13 anos.

⁶ François Claudius Koenigstein, Ravachol por parte de mãe, nasceu em 1854. Passou a usar o nome de Leon Léger, em 1891, para praticar atentados tendo sido preso em março de 1892. Apesar de diversas acusações e prisões, foi condenado à decapitação pela guilhotina, em 11 de julho de 1892, em Saint Étienne, por uma morte a ele atribuída. O jornal anarquista *Pere Peinard* declarou; “A cabeça de Ravachol caiu aos seus pés, agora temem que ela possa explodir como uma bomba”. Pobre, foi um intenso ativista e escreveu poucas anotações publicadas, inicialmente, em 1893, pelo jornal anarquista *L’ Insurgé*. (N.E.).

⁷ Em 1884-85, E. Henry pertenceu à 3º companhia do batalhão escolar de J. B. Say e obteve, no fim do ano, a oitava distinção.

⁸ Ortiz Philippe, Léon, nascido em Paris, a 18 de novembro de 1868. Anarquista, fundou em 1887, com Malato e alguns outros, o “Révolution Cosmopolite”. Em 1894, foi acusado de participar com outros companheiros em roubos e fez parte dos acusados que compareceram no Processo dos 30, no tribunal do Sena a 6 de agosto de 1894. Foi condenado a 15 anos de trabalhos forçados. Na deportação contou com a comunidade anarquista.

⁹ *Camisards*: grupo de camponeses protestantes calvinistas franceses que explodiu em revolta em 1702 (segundo Voltaire) e 1703 (segundo Philippe Joutard), resistindo, na região das Cévennes, à perseguição do Estado francês católico, que tinha proibido o culto, em 1685. São considerados dentro do fenômeno das seitas cristãs comunistas ou de afronta à Igreja de Roma. Como não faz sentido pensar que o pai de Henry tenha sido um deles literalmente, mas sim foi participante da Comuna de Paris, o termo deve ter sido usado com referência a *revoltosos* de maneira geral. (N.E.).

¹⁰ Um pouco mais tarde, o réu interrompeu violentamente o acusador público: “não se meta com a minha mãe, proíbo-lhe!”.

Émile Henry, o benjamim da anarquia

¹¹ Léon Jules Léauthier, nascido em 1874, era sapateiro e atentou contra a vida do Ministro da Sérvia Georgevitch, em 13 de novembro de 1892, em Paris. Condenado à pena de prisão perpétua, em 1894, foi assassinado na prisão de Iles de Salut, durante uma rebelião. (N.E.).

¹² Sidonie Vaillant, filha do anarquista com o mesmo sobrenome.

¹³ Câmara dos deputados, onde Auguste Vaillant lançou uma bomba, em Dezembro de 1893.

¹⁴ Tema de sua polêmica com Malatesta em “L’En Dehors” de agosto de 1892.

¹⁵ Desde o momento em que foi preso, Henry teve, ainda uma outra vez, a ocasião de desenvolver as suas teorias. Fê-lo por escrito, a pedido do diretor da prisão do Palácio da Justiça, depois duma visita que este lhe fez em 18 de fevereiro. Uma fotocópia do texto redigido pelo jovem anarquista está depositada nos arquivos da Prefeitura de Polícia, com a cota B a/140.

¹⁶ Estátua de Alexandre Auguste Ledru-Rollin, político que promoveu o sufrágio universal, membro do governo provisório de 1848, exilado após os acontecimentos de Junho. (N. T.)

¹⁷ Outro político (1856-1921), discípulo de Gambetta; defendeu a revisão do processo Dreyfus. (N. T.)

RESUMO

Um anarquista no tribunal. Émile Henry, seu julgamento e sua demolidora crítica ao direito, ao tribunal e à sociedade.

Palavras-chave: Terrorismo, anarquismo, pena de morte.

ABSTRACT

An anarchist in a court. Émile Henry, his trial and his demolishing critic on the Law, the court and society.

Keywords: Terrorism, anarchism, death penalty.

Indicado para publicação em 7 de abril de 2003.